



[...]
Deixei ficar comida para aqueceres
Com a boca, com a fome.
Pede licença se saíres da mesa. Já te ensinei
Que múltiplos são os anjos que nos guardam -
Deves sempre partilhar o teu pão
[...]
Chama os teus irmãos para a missa
Das onze. Este domingo são eles a tocar
Chama-os com as trombetas do juízo
Com as palma com que enxoto as galinhas
Com a voz do que chama no deserto:
(Prepara-lhes o leite)
- Preparai os caminhos do Senhor
[...]

DANIEL FARIA, in "Dos Líquidos"

RELATÓRIO SÍNTESE DO ENCONTRO DE ADVENTO GOLEGÃ, 4 e 5 de Dezembro 2010

DAS VIRTUDES

*No entardecer desta vida, comparecerei
diante de Vós de mãos vazias, pois não vos
peço, Senhor, que conteis com as minhas
obras. Todas as nossas justiças têm
manchas.*

S.ta Teresa do Menino Jesus

Na manhã do dia 4 de Dezembro tivemos o privilégio de ter uma reflexão/meditação sobre as Virtudes pelo Professor Carlos Silva que, conforme nos disse, as virtudes não são uma espécie de 'capitalismo moral' mas antes um convite a viver, AGORA, o 'belo risco' de Ser.

Não temos, para já, os apontamentos da reflexão do Professor Carlos Silva, nem tivemos oportunidade de gravar as suas palavras. Ficou a promessa de que nos enviaria um texto.

Até lá, temos dois textos da Berta Afonso, que nos ajudam a perceber a evolução do conceito ao longo dos séculos, dando-nos pistas de autores que exploraram o tema, podem encontrá-los no final do Relatório Síntese do encontro.

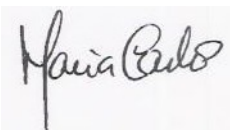
Seguem os materiais que serviram de apoio à reflexão de Sábado à tarde e de Domingo de manhã, assim como alguns apontamentos da reflexão que fizemos.

Não podemos deixar de lembrar a PINHEIRA.

Despedimo-nos dela.

Louvámos e agradecemos a vida da Pinheira e dos momentos que passámos à sua sombra e da beleza que nos proporcionou.

Prometemos guarda-la no coração e cuidar das suas sementes para que a sua frescura e beleza se multipliquem e possam permanecer connosco e com as gerações que nos sucederem.



8 Objectivos para o Mundo 5 Prioridades para Portugal 3 Desafios para o Graal

A tarde de Sábado começou com um pequeno filme A HISTÓRIA DAS COISAS, que se pode encontrar no YOUTUBE <http://www.youtube.com/watch?v=lgmTfPzLI4E>

Este é um pequeno filme que nos remete para aquilo que é a nossa realidade diária de consumo e todo o sistema que está por detrás dela, que a alimenta e faz fluir.

Não nos detivemos muito tempo nas questões que o filme nos suscitou mas ficámos com elas como pano de fundo para nos debruçarmos sobre as propostas das Nações Unidas para este nono milénio.

Deste modo:



Objectivo 1 - Erradicar a pobreza extrema e a fome

A pobreza extrema está indissociavelmente ligada à fome crónica: 850 milhões de pessoas no mundo carecem de uma alimentação suficiente para satisfazer as suas necessidades calóricas básicas. A fome crónica conduz à subnutrição, a carência de vitaminas e minerais, a incapacidade física e mental, à fraqueza e à inanição. Acaba por tornar as pessoas vulneráveis à doença e agrava doenças às quais deveriam poder sobreviver.

A proporção de crianças subnutridas com menos de 5 anos de idade diminuiu de 33% em 1990 para 26% em 2006. Contudo, neste ano, o número de crianças com peso abaixo do normal excedeu os 140 milhões. Na medida em que a subnutrição infantil é representativa da fome da população como um todo, o progresso alcançado não é suficiente para atingir a meta deste ODM até 2015. Pior: a situação global será agravada pelo aumento do preço dos alimentos.



Objectivo 2 - Attingir o ensino básico universal

Cento e treze milhões de crianças estão fora da escola no mundo. Mas há exemplos viáveis de que é possível diminuir o problema – como na Índia, que se comprometeu a ter 95% das crianças a frequentar a escola já em 2005. A partir da matrícula dessas crianças ainda poderá levar algum tempo para aumentar o número de alunos que completam o ciclo básico, mas o resultado serão adultos alfabetizados e capazes de contribuir para a sociedade como cidadãos e profissionais.



Objectivo 3 - Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres

Dois terços dos analfabetos do mundo são mulheres e 80% dos refugiados são mulheres e crianças. Superar as desigualdades entre meninos e meninas no acesso à escolarização formal é a base para capacitá-las a ocuparem papéis cada vez mais activos na economia e política de seus países.

Para além de enfrentarem a discriminação social e familiar, muitas mulheres ainda lutam para ultrapassar os obstáculos ao emprego no sector formal. As mulheres constituem a maioria da mão-de-obra agrícola a nível mundial e 60% das mulheres do planeta efectuam trabalho não remunerado ou mal pago na economia informal, o que as torna vulneráveis em termos financeiros e jurídicos. As populações mais marginalizadas são, por norma, as mais pobres – e dentro das mesmas, as mulheres, que representam a maioria entre os 1.2 mil milhões de pessoas que vivem com menos de 1.25 dólar/dia.



Objectivo 4 - Reduzir a mortalidade infantil

- A mortalidade de menores de cinco anos baixou de 93 para 72 mortes por cada mil nados-vivos, entre 1990 e 2006. Neste ano morreram 9.7 milhões de crianças antes de completarem os cinco anos de idade. Embora 20% das crianças pequenas do mundo residam na África Subsariana, esta região representa 50% do total de mortes a nível mundial. A região tem conseguido poucos progressos no domínio da redução da taxa de mortalidade infantil.
- Entre 1990 e 2006, 27 países – a maioria na África Subsariana – não reduziram as suas taxas de mortalidade infantil. No Leste Asiático, América Latina e Caraíbas, as taxas de mortalidade infantil são aproximadamente quatro vezes mais elevadas do que nas regiões desenvolvidas.
- As principais causas da mortalidade infantil – pneumonia, diarreia, malária e sarampo – são facilmente preveníveis através de simples melhorias nos serviços básicos de saúde e de pequenas intervenções como a terapia de re-hidratação oral, redes mosquiteiras tratadas com insecticida e vacinação.



Objectivo 5 - Melhorar a saúde materna

Das estimadas 536 mil mortes maternas por todo o mundo em 2005, os países em desenvolvimento somaram mais de 99%. Cerca de metade das mortes maternas - 265 mil - ocorreu somente na África Subsariana, com um 1/3 do total - 187 mil - a ocorrer no Sul da Ásia. Assim, a África Subsariana e o Sul da Ásia somam 86% das mortes maternas em todo o mundo, sendo a hemorragia a principal causa da morte nessas regiões. Para mais, 2/3 dos óbitos ocorrem em somente 10 países, sendo a Índia aquele que lidera a lista: 117 mil - 22% do total global.

A gravidez na adolescência contribui para o ciclo da mortalidade materna e da mortalidade infantil. A maternidade precoce não só aumenta o risco de morte durante o parto, como também coloca em perigo o bem estar das mães e crianças sobreviventes. As mães jovens vêem-se privadas, frequentemente, de uma educação e de oportunidades socioeconômicas. Em quase todas as regiões em desenvolvimento a fertilidade das adolescentes caiu entre 1990 e 2000, tendo em seguida estagnado em grande parte ou aumentado marginalmente entre 2002 e 2005.



Objectivo 6 - Combater o HIV/ SIDA, a malária e outras doenças

Em grandes regiões do mundo, epidemias mortais vêm destruindo gerações e ameaçando qualquer possibilidade de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, a experiência de países como o Brasil, Senegal, Tailândia e Uganda vem mostrando que podemos deter a expansão do HIV. Seja no caso da SIDA, seja no caso de outras doenças que ameaçam acima de tudo as populações mais pobres e vulneráveis como a malária, a tuberculose e outras, parar a sua expansão e depois reduzir a sua incidência dependerá fundamentalmente do acesso da população à informação, aos meios de prevenção e aos meios de tratamento, sem descuidar da criação de condições ambientais e nutritivas que estanquem os ciclos de reprodução das doenças.



Objectivo 7 - Garantir a sustentabilidade ambiental

As emissões de dióxido de carbono (CO₂ - gás com efeito de estufa) atingiram 28 mil milhões de toneladas em 2005 e continuam a crescer, resultando num aumento de concentração atmosférica de CO₂. A nível global, as emissões de CO₂ aumentaram cerca de 30% entre 1990 e 2005, com um crescimento anual, entre 2000 e 2005, maior que na década precedente. As emissões per capita são mais elevadas nas regiões desenvolvidas: cerca de 12 toneladas de CO₂ por pessoa num ano, comparando com cerca de 3 toneladas nas zonas em desenvolvimento e 0,8 toneladas na África Subsariana. As emissões por unidade económica de produção diminuíram mais de 20% nas zonas desenvolvidas, tendo crescido 35% no Sudoeste Asiático e 25% no Norte de África.

1.6 mil milhões de pessoas vivem em áreas com escassez de água. Em 2008 mais de 50% da população mundial vive em zonas urbanas - 3.3 mil milhões de pessoas. Esta urbanização está a esgotar os recursos naturais e a conduzir a sobrepovoamento, habitação inadequada e escassez de água e de saneamento para os mais pobres das cidades, em particular nas cidades mais pobres da África Subsariana e da Ásia. Perto de 2.5 mil milhões de pessoas permanecem sem saneamento melhorado - mais de mil milhões na Ásia e 500 milhões na África Subsariana. Em 2006 existiam 54 países onde menos de metade da sua população tinha acesso a condições de saneamento melhoradas; 3/4 destes países situam-se na África Subsariana.



Objectivo 8 - Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento

A Ajuda Pública para o Desenvolvimento (APD) está a diminuir, tendo passado de 107,1 mil milhões de dólares em 2005, para 104.4 mil milhões de dólares em 2006 e 103.7 mil milhões em 2007. Excluindo as reduções à dívida, o valor líquido da APD aumentou 2.4%. A APD total permanece muito abaixo do objectivo de 0.7% do Rendimento Nacional Bruto (RNB): desceu para 0.28% do RNB em 2007 para o conjunto dos países desenvolvidos (Portugal 0,19%).

O comércio internacional apresenta barreiras que diminuem a capacidade de os países pobres partilharem os benefícios da globalização. As promessas continuarão por cumprir enquanto os países ricos não eliminarem as suas práticas comerciais injustas que distorcem os termos do comércio e dificultam o acesso dos países pobres aos mercados internacionais, tais como: os subsídios agrícolas que distorcem as condições de concorrência, as quotas de importação e o dumping.



A partir destas propostas para mudar o Mundo, em pequenos grupos, olhámos para a situação actual portuguesa: **que prioridades para Portugal??**

Dissemos nos pequenos grupos, e coincidimos, as prioridades para Portugal, são elas:

Objectivo 1 - Erradicar a pobreza extrema e a fome

Objectivo 2 - Atingir o ensino básico universal

Objectivo 3 - Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres

Objectivo 7 - Garantir a sustentabilidade ambiental

Objectivo 8 - Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento

No contexto do Graal **os desafios** que se colocam são:

- **continuar a apostar na educação de qualidade (formal e informal);**
- **apostar na educação para o consumo, redefinindo prioridades;**
- **promover a conscientização/ capacitação das pessoas;**
- **promover programas de capacitação/empowerment das mulheres;**
- **apostar em acções de formação para promover novos modelos de vida/modelos de vida sustentável;**

Demo-nos conta que a nossa mais valia são as propostas e as ferramentas de formação/educação/conscientização e que, transversal às nossas preocupações, as mulheres de todas as idades, portuguesas ou estrangeiras constituem o grupo preferencial da nossa intervenção.

Os projectos **AoPar** , **Mobilização de Jovens para a Erradicação da Violência de Género** , **Programa de Educação para a Cidadania Planetária e Banco de Tempo**, no Terraço, e o projecto **SauDar**, em Coimbra, são exemplos da visibilidade do nosso empenhamento comum e daquilo que já é a resposta/desafio às prioridades/necessidades que se colocam a Portugal.

Texto de BERTA AFONSO

Breves notas sobre a evolução do conceito de Virtude(s) desde o séc. V a. C. até aos nossos dias.

Introdução

A determinação do conceito de **virtude** advém precisamente da sua indeterminação, e só adquire sentido depois de especificado por um sistema de valores. Ele **não** resulta de princípios, normas ou valores, mas **sim** da estima e do interesse vital por homens e actos excelentes. Formula-se a imagem da **virtude** e em seguida, e segundo esta, o seu **conceito/definição**.

O conceito de **Virtude**, *de valor polissémico*, é intrínseco ao praticável e está inscrito no humano, podendo ser potenciado pelo espírito e a pela doutrina.

Esta tendência mantém-se ainda, e tem como consequência **a falta de base** de qualquer conceito universal ou definição geral de **Virtude(s)**, válido para todos os povos.

Desta questão resulta uma outra que não pode ser dela isolada: **qual o caminho para a Virtude, cuja procura vem já dos antigos?**

Se o termo Virtude tem atravessado os tempos e com estes a diversidade de significados, **o sentido de bem, de bom e de belo mantém-se-lhe inerente.**

Breve história da evolução semântica do termo Virtude(s)

1. Antiguidade clássica: (cultura grega e latina – sécs. V a.C – V d.C)

Origem do termo: *virtus* (latim); *aretê* (grego) = qualidade moral que conduz à prática do bem; coragem e força para enfrentar as adversidades e era uma virtude a que todos aspiravam; conjunto de todas as qualidades essenciais que constituíam o **homem de bem**.

NB. No contexto da cultura grega, homem de bem era o que vivia na cidade, raiz do termo **cidadão**.

Num relance, vejamos a evolução do termo Virtude(s) entre os séculos Va.C. e o séc. IV d.C..

Sócrates (469–399 a.C.) - *virtude* é fazer aquilo a que cada um se destina.

- No plano objectivo é a realização da pp. essência humana.
- No plano subjectivo coincide com a pp. felicidade.

Platão (428–348/7 a.C.) - *virtude* é uma qualidade que o indivíduo trás consigo e portanto não pode ser ensinada.

NB. Platão e Sócrates associavam inteligência ao exercício do Bem, uma vez que o mal resultava da ignorância.

Aristóteles (384-322 a.C.), pelo contrário, achava que as acções boas realizadas e repetidas pelo sujeito, formava o hábito (aretê) de ser bom. Daí resultava, segundo o autor a "disposição voluntária que visa a perfeição, a excelência". Defendia o ensino das virtudes, considerando como mais importantes a *coragem*, a *justiça*, a *prudência* e a *temperança*.

- Para este pensador a virtude é algo que é aprendida e praticada.
- Virtude é aquilo que torna bom aquele que possui e torna boas as suas obras.

NB. As definições aristotélicas reflectem um outro conceito de homem (habitante da cidade ...) cuja tónica assenta na importância atribuída ao cidadão enquanto ser individual e social, colaborante na construção do colectivo.

NB: Mais tarde, este conceito aristotélico vai ter profundas repercussões na doutrina cristã, nomeadamente nas orientações doutrinárias de S. Tomás de Aquino e retomadas no Concílio de Trento.

É de realçar o facto de os gregos terem personificado/corporizado a Virtude (o que acontecia apenas com os eleitos da cidade/polis), esculpindo-a como uma *deusa*, a quem atribuíram duas irmãs, a Harmonia e a Justiça, o que revela a importância que lhe foi atribuída, tendo em conta o contexto sócio/cultural da época.

Aretê, está na origem da palavra grega *aristocracia*, isto é governo dos aristos, ou seja dos melhores (nobres). Este conceito influenciou a *paideia* (*cultura*) que para os gregos significava educação integral, incluindo a preparação física.

Séneca (I a.C.- 65 d.C.), romano, ao contrário de Platão, afirmava que "a natureza **não** oferece a virtude: **ser bom é uma arte** (do saber e do saber ser)". Para os romanos, o termo *Virtus* tinha o sentido de doutrina, disciplina, e visava a formação de **cidadãos virtuosos**.

Segundo **Santo Agostinho (354 – 430)**, a *virtude* é a disposição para o amor e é um dom de Deus. Dignifica o homem, sendo compreendida como a essência e finalidade suprema do espírito humano. Tal como Aristóteles, Santo Agostinho considera a *Virtus* como uma característica própria e definidora do ser humano, cuja realização consome a excelência ou perfeição do homem

2. Época Medieval (sécs. VIII –XIV)

Tomando S. Tomás de Aquino (1225 – 1274) como paradigma de pensador cristão na época medieval, continua a definir *Virtude* tal como o fez Aristóteles: "a virtude humana é uma qualidade adquirida, cuja posse e exercício tende a tornar-nos capazes de conseguir os bens interiores".

Segundo Aquino, a ausência de virtude impossibilita-nos de adquirir os bens interiores: cria o vazio espiritual, que mais não é do que a ausência da finalidade última do Bem.

Quanto mais vazio se está de bens interiores mais se compete pelos bens exteriores (riqueza, fama, poder...).

Para Aquino, como para Aristóteles, as virtudes são componentes essenciais de qualquer ser humano. Às virtudes teológicas: caridade, fé e esperança, S. Tomás de Aquino associa a **paciência e a humildade**.

NB. Os conceitos de caridade e de humildade foram estranhos a Aristóteles, bem como a toda a cultura clássica grega.

A **virtude da paciência**, segundo S. Tomás de Aquino, significa ser capaz de esperar “**com ânimo**” que a dor passe e o bem chegue. A **virtude da humildade**, implica reconhecer a nossa pequenez e impotência face à onipotência e omnisciência de Deus.

Este conceito geral de *Virtude* atravessa a Idade Média, entra na época moderna e chega aos nossos dias, não obstante as mutações inerentes ao devir das sociedades e do seu pensamento.

3. Época Moderna (sécs. XV a XVIII)

Período de grandes transformações numa “Europa em explosão”: o renascimento, as descobertas de novos mundos; encontro com outros povos, culturas e civilizações; Copérnico e o heliocentrismo; o experiencialismo, o experimentalismo e o racionalismo; Lutero e o protestantismo; a Reforma e contra-Reforma; o concílio de Trento (que sobre as Virtudes mantém, na generalidade, o pensamento de S. Tomás) sobre a sistematização da doutrina da Igreja católica; a Inquisição, o racionalismo, o absolutismo régio. O iluminismo, outros conceitos de governo, governante (rei), e governados, de cidadãos e direito à cidadania, de liberdade, igualdade e fraternidade.

NB: Os conceitos de liberdade e de *Virtude* vão assumindo as suas nuances ao longo destes séculos, mas sem que os alicerces do pensamento e doutrina “tomasinos” sejam ultrapassados, se bem que por alguns contestados.

S. XVI, Montaigne (1533-1592) afirmou: “nada existe tão belo como ser homem bem e devidamente”. O autor associa **Virtude** a educação e vice-versa. Na esteira das premissas do Renascimento, Montaigne defende o princípio de que o homem culto seria “bom e de bem, onde as Virtudes floresciam espontaneamente.”

Na sua essência, o conceito de *Virtude* não sofreu grandes alterações. Os Lusíadas e a obra de Pe. António Vieira, especialmente os sermões, e de maneira especial o sermão de Santo António aos peixes são disso testemunho.

No séc XVII Espinosa defendia, na sua postura de pensador racionalista: “é melhor ensinar as virtudes, do que condenar os vícios”; “a virtude é a essência ou natureza do homem...”; “a felicidade não é o prémio da virtude, mas a própria virtude”.

Séc. XVIII - Neste séc. inicia-se o delinear de veredas que a pouco e pouco, e sempre de forma inacabada, está **associado à evolução do conceito de virtude**.

Os Iluministas deste séc. associam a Virtude à noção de sociabilidade. Assim acontece e está explícito nalgumas obras de Rousseau, Voltaire e Diderot.

Voltaire (1694-1778), no *Dicionário Filosófico* de 1764, afirma que “a virtude, é a beneficência para com o próximo”; “por vivermos em sociedade, só é

verdadeiramente bom o que faz bem à sociedade". Associa a virtude e a caridade cristã, que nos dizeres de São Paulo é mais importante que a fé e a esperança. Para Voltaire também a tolerância (inclusiva na caridade) é fundamental para o entendimento dos povos e seu desenvolvimento.

Para reforçar a importância da caridade, Voltaire invoca, criticamente, a actuação da igreja católica: "Quero dizer que se Tibério e os primeiros imperadores dispusessem de dominicanos que houvessem impedido os cristãos de usar penas e tinta; se durante tanto tempo não tivesse sido permitido pensar livremente no Império Romano, tornar-se-ia impossível aos cristãos estabelecer os seus dogmas. Portanto, se o cristianismo só se formou pela liberdade de pensamento, por que contradição, por que injustiça desejaria aniquilar essa liberdade de pensamento sobre o qual está fundado." *Os Pensadores*, vol. XXIII, S. Paulo, Abril cultural, 1973.

Diderot (1713-1784), também iluminista, defende que "**a prática da filosofia está ligada à acção virtuosa**". No seu conceito, "a virtude é um sacrifício de si mesmo, e o filósofo deve participar activamente da sociedade. Ele deve agir virtuosamente e dar exemplos morais."

Estas definições enquadram-se no chamado tempo das Luzes ou Iluminismo, de afirmação dos poderes da burguesia, em que a razão se sobrepunha e a **Virtude** surgia, para alguns autores, como elemento fundamental de convivência social e de maior igualdade entre os cidadãos.

A partir de agora, o conceito de cidadão acarreta consigo o sentido de direitos e deveres, tornando-o participante activo na *Res Publica* (coisa pública), mas também responsável pelo bem comum.

À luz desta nova responsabilidade individual e colectiva, de cariz laico (caminha-se para a Revolução Francesa), a actuação do indivíduo/cidadão potencializa-se e ultrapassa, na prática, as **Virtudes** tão apregoadas pelos seus mentores, nomeadamente por Voltaire, Diderot e Rousseau.

4. Época Contemporânea

No séc. XIX, a doutrina política designada por Liberalismo assumia como "princípios/direitos" fundamentais a *liberdade (do cidadão)* e a *propriedade privada*, de acordo com as exigências de uma burguesia triunfante. Ao longo do século XIX, os Direitos Políticos ampliam-se progressivamente, alcançando-se o voto secreto, directo, periódico e só mais tarde universal.

Nesse contexto, o conceito de **Virtude(s)** é tomado mais no sentido prático do puramente **social**. Ao princípio de *justiça social* associam-se os conceitos de liberdade e *fraternidade*.

Séc. XX e inícios do Séc. XXI (brevíssima abordagem)

A Europa do século XX, atravessada por duas Guerras mundiais, geradora de um turbilhão de novas correntes artísticas, literárias, filosóficas e de novas descobertas científicas procura reencontrar-se. As transformações económicas e sociais sucedem-se e os paradigmas políticos procuram ajustar-se a outras correntes de pensamento e exigências sociais. A descristianização da Europa vai avançando e o conceito de *Virtude(s)* vai, em passo lento, exigindo outras formas de expressão e

de abrangência. Ao individualismo e à competição desenfreados, visando o **ter**, exige-se como contraposta uma Moral e uma Ética para o **Ser**.

- André Comte-Sponville, no *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, apresenta-nos a **Polidez** (Delicadeza/Boa Educação) como a raiz da moral. **"A moral é a polidez da alma, um código dos nossos deveres, um cerimonial do essencial."** Conceitos como moral, ética, educação e, mesmo, etiqueta, ganham novos contornos com a visão da importância da modesta Polidez.

Seguindo o mesmo autor e na mesma obra, ele refere: *"vale mais ensinar as virtudes que condenar os vícios. A moral não é para nos culpabilizar, mas para nos ajudar a ser seu próprio mestre, o seu único juiz. Qual o fim? Tornarmo-nos mais humanos, mais fortes, mais doces"*.

Um outro autor, Anselmo Borges, in *Religião, Opressão ou Libertação*, Campo das Letras, 2004, pp. 41-42, elenca uma série de tópicos que nos permitem elaborar uma síntese extraordinária do que hoje se pode entender por Virtude(s).

- 1.** A virtude de um homem é o que o realiza humanamente.
- 2.** É o poder que afirma a sua qualidade própria, isto é, a sua humanidade.
- 3.** A virtude é a capacidade de agir segundo a exigência da humanidade.
- 4.** Praticar a virtude é estar de acordo com a humanidade em nós e dignificá-la.
- 5.** No sentido restrito as virtudes são as potências activas propriamente humanas, que precisam de ser exercitadas para se tornarem um hábito operacional que as capacite para a acção recta e perfeita, ajustada às exigências mais profundas da natureza humana e tornando o homem bom pura e simplesmente.
- 6.** O cume da virtude, o seu alfa e ómega, é o amor, porque aí se manifesta a força máxima da alegria de ser e do ser.
- 7.** Que alegria maior para o homem do que estar de acordo com o ser, querer que exista tudo quanto existe, regozijar-se com a existência de tudo quanto é, fruir a sua bondade? Não constitui uma bênção ouvir alguém dizer: "sou feliz porque existes, é bom que existas"?
- 8.** As virtudes não são um fardo e um constrangimento. Pelo contrário, são qualidades, valores morais vividos e encarnados, cujo fruto é alegria, o contrário da tristeza.

NB.

Penso que as reflexões destes dois autores de transição do século XX para o XXI, são por si eloquentes e suficientemente "fortes" para percebermos um outro ou outros sentidos/significados de **Virtude(s)**.

O enquadramento cronológico atribuído a cada época não é aceite pacificamente por todos os historiadores.

(A decadência das Virtudes)

A moral tem vindo a subjectivar-se, isto é, a ficar na dependência dos sentimentos individuais, da vontade de cada um e, portanto, a perder muito da sua componente social e colectiva.

Um forte sintoma disso é a decadência das virtudes. A própria palavra *virtude* perdeu qualidade, deixou de ser respeitada, ou, digamos, de se dar ao respeito. Talvez as duas coisas. Quase já não se usa, a não ser para lhe acentuarmos o ridículo ou a falsidade. Interpretações que lhes foram sendo dadas para denunciar e pôr a ridículo os que se faziam de virtuosos para enganar os outros. A nossa literatura, desde Gil Vicente, está cheia desta gatinha *virtuosa* mas sem moral. A *muita virtude* de certas pessoas, em Eça de Queirós, por exemplo, é sinónimo certo de beatice, ou obtusa, ou sonsa, às vezes pérfida. Ou seja, falsa e exterior, não compreendendo o valor do que diz, nem fazendo o que diz fazer. Numa sociedade espiritualmente punitiva e temerosa, e socialmente encostada à subserviência e à dependência, a hipocrisia é a atitude que alimenta virtudes. Que, por isso, são geralmente falsas. São o modo dos devassos e corruptos serem aceites, sem o merecerem, ou de usufruírem da liberdade de manobra para as suas vilanias. Mas sem precisarem do sacrifício e da coragem que a qualidade moral exige, e podendo, assim, fugir às merecidas punições. Felizmente tivemos um Eça que mostrou a miséria de que é feita esta gente.

Porém, se muita desta fauna queiroziana, sobretudo na política, se mantém actual, noutros aspectos já não. Ridicularizar as virtudes, sobretudo espirituais, com a laicização generalizada que se operou na sociedade portuguesa, em muitos aspectos positiva, é hoje um tiro sem alvo pois não corresponde já à mentalidade dominante.

Penso que podemos dizer que a real decadência das virtudes e do próprio conceito, que pode entender-se como consequência do esboroamento das morais autonómicas, na linha kantiana, e da fragmentação ética da pós-modernidade, está a revelar-se muito perigosa pela alegre e despreocupada entrega de cada um a si mesmo.

É pois necessário revalorizar as virtudes enquanto qualidades, sem destruir o contributo de Kant, que nos emancipou. Precisamos de recuperar do desvio semântico que a palavra *virtude* sofreu. A terapêutica queiroziana foi eficaz, mas agora convinha-nos voltar ao sentido original da palavra *virtude*. *Virtude* vem do latim *virtus*, que significa força interior, energia. A evolução do sentido para o domínio moral revela muita da dimensão social – e pessoal – dos comportamentos e das atitudes, e também a infinidade de aspectos que a *força interior* contém. Ou seja, não uma moral onde cada um decide o que é bem e mal, ou o que deve fazer, mas sim o que é entendido pela maioria, como sendo o bem e o mal. E, portanto, o que deve fazer nas situações a partir de quadros de dever e de qualidade na acção.

Mas, se as virtudes, como qualidades objectivas, são referências claras que orientam a acção e a educação, não deixam de ter um grande potencial de aperfeiçoamento subjectivo. E de poderem ser postas ao serviço de uma moral autonomizadora.

Precisam as virtudes de ser sentidas como qualidades, para merecer o nosso respeito e sacrifício, mas é para isso que funciona a educação, que nos faz ver o valor intrínseco delas e a necessidade pessoal e social de as seguir. Se conseguirmos compreender e sentir o valor e a necessidade, pessoal e social, de palavras como prudência, temperança, coragem, fidelidade, justiça, generosidade, humildade, simplicidade, gratidão, boa-fé, compaixão, etc., e se começarmos a educar - e a ser educados - nestas qualidades, solucionaremos imensos problemas.

Equipe de Coordenação
Lisboa, 23 de Dezembro de 2010